



ACORDO NUCLEAR

Irã e EUA iniciam NEGOCIAÇÕES

As conversas, a portas fechadas em Omã, ocorrem após o presidente Trump ameaçar bombardear Teerã e intensificar as sanções, estrangulando a economia local e fragilizando a força política regional do governo Pezeshkian

Em meio a ameaças do presidente norte-americano, Donald Trump, e demonstrações de resistências dos iranianos, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araqchi, e o enviado especial dos Estados Unidos, Steve Witkoff, retomaram ontem as negociações para definir um acordo nuclear entre os dois países. Em Mascate, capital de Omã, os negociadores buscam amenizar a troca de farpas entre os presidentes das duas nações. No final do dia, a Casa Branca emitiu comunicado em que afirma que as conversações foram “muito positivas e construtivas” e marcaram um “passo adiante”. Uma segunda etapa de conversas deve ocorrer na próxima semana.

Antes de impor novas sanções ao Irã, Trump ameaçou bombardear Teerã, caso não houvesse o acordo nuclear. Às vésperas de seu enviado desembarcar em Omã, ele afirmou que: “Quero que o Irã seja um país maravilhoso, incrível, feliz. Mas eles não podem ter a arma nuclear”. O presidente iraniano, Masud Pezeshkian, por sua vez avisou estar aberto a “investimentos” dos Estados Unidos, mas se opõe a qualquer tentativa de mudança de regime. “Mas nos opomos às suas políticas equivocadas, incluindo conspirações e tentativas de mudança de regime”, disse ele.

Desde a posse de Trump, em janeiro, os Estados Unidos intensificaram a política de “pressão máxima” contra Teerã, impondo novas sanções contra o programa nuclear e o setor de petróleo. Além da controversa questão,

AFF



O chanceler iraniano, Abbas Araqchi (segundo à esquerda), com assessores no intervalo do encontro

também estão em pauta as tensões entre Irã e Israel, alimentadas pelos conflitos em Gaza e no Líbano, também estarão em pauta. Pela primeira vez, os dois países lançaram ataques diretos um ao outro após anos de confrontos por meio de terceiros.

Esses são os primeiros contatos sobre o tema, desde 2018, quando o primeiro governo de Donald Trump retirou os Estados Unidos do acordo anterior que era 2015 entre o Irã e as principais potências para limitar seu programa nuclear em troca do levantamento de sanções econômicas. Para os iranianos, as indicações são de que os norte-americanos buscam um consenso “o quanto antes”. “O lado americano também disse que um acordo

positivo é aquele que pode ser alcançado o quanto antes, mas que não será fácil e exigirá a vontade de ambos os lados”, disse à emissora estatal o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araqchi.

Resistências

A expectativa dessas reuniões é de que Estados Unidos e Irã definam um novo pacto, depois que Teerã renegou seus compromissos e se aproximou dos níveis de enriquecimento de urânio necessários para fabricar uma bomba atômica. As negociações deste sábado ocorreram em uma “atmosfera construtiva baseada no respeito mútuo”, informou a Chancelaria iraniana. Há 45 anos, Washington e Teerã romperam as

relações diplomáticas.

Diante das declarações de Trump em tom de ameaça, o Irã reagiu, prometendo expulsar de seu território os inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), que supervisionam o desenvolvimento de suas atividades nucleares. Segundo Washington, se essa decisão se concretizasse, seria uma medida em “escalada”.

Sob forte pressão exercida pelas sanções norte-americanas, a economia iraniana está estrangulada e a força política regional fragilizada, sobretudo com a guerra entre Israel, Hamas e Hezbollah, que atinge Líbano e Síria. Para Witkoff, a “linha vermelha” de Washington é a “militarização da capacidade nuclear do Irã”. Na compreensão dos Estados

Papa reza na véspera do Domingo de Ramos



Convalescente de uma pneumonia dupla, o papa Francisco, de 88 anos, foi ontem à Basílica de Santa Maria Maior para rezar, na véspera do Domingo de Ramos — que celebra o início da Semana Santa e representa a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém. Ele rezou diante da Virgem. Nos últimos dias, o pontífice fez várias aparições de surpresa. Cumprimentou fiéis em frente à Basílica de São Pedro, antes de receber o rei Charles III da Inglaterra e a rainha Camila em uma audiência. O santo padre passou cinco semanas hospitalizado. Os médicos recomendaram repouso por dois meses. Durante seu tratamento, houve muitas informações sobre o agravamento do seu estado de saúde e sucessão.

Unidos, o objetivo final de Teerã são as armas nucleares, embora o país negue ao alegar que se trata de um programa civil.

Desde que Washington se retirou do acordo de 2015, o Irã enriqueceu urânio a 60%, bem além do limite de 3,67% imposto pelo pacto. Para a bomba atômica, é necessário nível de 90%. Ali Vaez, do Think Tank

International Crisis Group, alerta que o Irã pode admitir a adoção de medidas, jamais encerrar o programa. “Não desmantelá-lo por completo.” Para Karim Bitar, professor da Universidade Sciences Po em Paris, “a única prioridade do Irã é a sobrevivência do regime e, idealmente, obter algum alívio nas sanções para reanimar a economia”.

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Estado de exceção no Equador

» RENATA GIRALDI

Pedro Franca/Agência Senado



“A democracia está preservada”, diz embaixador brasileiro

A poucas horas da abertura das votações para as eleições presidenciais, o presidente equatoriano, Daniel Noboa, que tenta a reeleição contra Luisa González, determinou estado de exceção em sete das 24 províncias. Segundo ele, era a única alternativa para conter o avanço da violência das gangues do tráfico de drogas. Válida por 60 dias, a decisão suspende os direitos à inviolabilidade do domicílio e da correspondência, e a liberdade de reunião, e impõe toque de recolher às 19h. Também está limitada a entrada de estrangeiros nas fronteiras terrestres com a Colômbia e o Peru, área de atuação dos traficantes.

O **Correio** apurou que essas eleições são acompanhadas de perto pelas autoridades brasileiras. O ministro Nunes Marques, do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), integra a Missão Integrada de Observação Eleitoral da União Interamericana dos Órgãos Eleitorais (Uniore), e o embaixador do Brasil em Quito, Flávio Damico, está atento à polarização entre direita e esquerda na intrincada situação política e econômica do país. Porém, ele assegura que impera a normalidade.

“A democracia no Equador está preservada com toda certeza. Não restam dúvidas de que a vontade das urnas será

respeitada, e os eleitores vão poder votar de acordo com suas convicções”, afirmou ao **Correio** o embaixador. As zonas eleitorais estarão abertas neste domingo das 7h às 17h. A votação é manual, feita à caneta. Estão cadastrados 13.736.315 eleitores. Reservistas, de 19 a 45 anos, foram convocados para apoiar as forças de segurança.

Noboa e Luisa se enfrentam em meio à troca de acusações e uma disputa bastante acirrada. As pesquisas de opinião indicam empate técnico, com diferença em torno de 50 mil votos ora para um, ora para outro. No poder desde 2023, o atual presidente mantém uma luta árdua

contra os grupos do tráfico de drogas, ligados a máfias e cartéis estrangeiros, que buscam o controle em vários setores por meio de ameaças e medo. É o país que tem a mais alta taxa de homicídios na América do Sul: 38 por 100 mil habitantes, segundo a organização Insight Crime.

“Durante a campanha e ao que tudo, nas votações, está tudo indica transcorrendo normalmente”, ressaltou o embaixador brasileiro. Os dois candidatos têm perfis bem distintos, mas os discursos refletem as preocupações dos eleitores. Com cerca de 18 milhões de habitantes, a queixa recorrente gira em torno dos avanços da criminalidade e

AFF



Disputa acirrada entre Luisa González e o atual presidente Daniel Noboa, que tenta a reeleição

de desemprego, que atinge mais de 20% dos trabalhadores, além da queda do poder de compra. A economia teve três trimestres seguidos de recessão.

Polarização

Daniel, de 37 anos, é filho do Álvaro Noboa, empresário disputou a Presidência por cinco vezes e nunca venceu, diferentemente do filho, que na sua única tentativa, foi vitorioso. Com discursos curtos e olhar firme, ele tenta a reeleição focando no compromisso de enfrentar a audácia do narcotráfico. Cercado por forte esquema de segurança, é frequentador das redes sociais,

aparecendo com roupas esportivas, guitarra acústica e cantando em inglês.

Nascido nos Estados Unidos, Noboa assumiu o poder em um momento delicado: deveria apenas completar o mandato de Guillermo Lasso. O ex-presidente dissolveu o Congresso e abriu o caminho para a realização de eleições antecipadas, evitando a destituição do Poder, em um julgamento político por corrupção.

Pouco tempo depois, os equatorianos viveriam outro drama: o assassinato do político de Fernando Villavicencio, ex-integrante da Assembleia Nacional, baleado na cabeça. Cinco pessoas

foram condenadas pelo crime, inclusive uma mulher.

Afilhada política do ex-presidente Rafael Correa — condenado a oito anos de prisão por corrupção e que está como refugiado na Bélgica —, a advogada Luisa González, de 47 anos, sonha em ser a primeira presidente eleita do Equador e, assim, recuperar a força da esquerda. Ela passou boa parte da campanha negando ser fantoche do ex-governante. “Quem vai governar é Luisa González”, repetiu a candidata a cada oportunidade. Nos discursos, defende programas sociais, combate à violência e criminalidade, além de alternativas para amenizar as taxas de desemprego.